



Evento: Debates sobre Inteligência Artificial (d.I.A.)

MULHERES, TECNOLOGIAS E VIOLÊNCIAS DE GÊNERO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA NARRATIVA¹

WOMEN, TECHNOLOGIES AND GENDER-BASED VIOLENCE: A BIBLIOGRAPHIC NARRATIVE REVIEW

**Vanessa Vieira Mombach², Catherine de Moura Brachtvogel³, Ana Laura Arnhold⁴, Maria
Simone Vione Schwengber⁵**

¹ REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

² Mestranda em Educação nas Ciências (PPGEC/UNIJUÍ), bolsista PROSUP/CAPES, graduada em Letras Língua Inglesa pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). E-mail: vanessa.mombach@outlook.com

³ Doutoranda em Educação nas Ciências (PPGEC/UNIJUÍ), bolsista CAPES. E-mail: cati.brachtvogel@gmail.com

⁴ Aluna do Curso de Mestrado em Educação nas Ciências da UNIJUÍ, bolsista CAPES. email: analaura_arnhold@hotmail.com

⁵ Professora Doutora em Educação pela universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora assistente da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo é uma revisão bibliográfica narrativa (ROTHER, 2007) acerca das violências de gênero sofridas por mulheres e as produções desse conceito em suas diferentes relações com as tecnologias contemporâneas. Nesse sentido, pensamos aqui, nas tecnologias digitais, principalmente as redes sociais, sites e os aplicativos móveis, como tecnologias de mídias alternativas (COVALESKI, 2010), associadas ao conceito de inteligência artificial (IA). Essa associação, nos permite constatar, o quanto hoje, os mecanismos que utilizam algoritmos em sua composição, aplicados em diversos meios, desde o empresarial até o social, mostram-se como recursos com múltiplas possibilidades de exploração.

Por conta de sua aplicabilidade, a IA passou a figurar, também, no meio político, tendo seu uso empregado em mapeamentos de todos os tipos, na segurança de dados, na criação de robôs e aplicativos que têm por objetivo auxiliar e prestar amparo a comunidade em geral. Ao observarmos os altos índices de violência no Brasil, especificamente no que tange às violências de gênero (BUTLER, 2013) contra as mulheres, percebemos a relevância no uso de inteligências artificiais no combate e apoio às vítimas, principalmente quando consideramos a variedade de tecnologias que têm surgido na tentativa de informar, relatar, denunciar acerca das violências de gênero (DALL'IGNA, 2017).

Assim, nosso objetivo com essa revisão, é mapear no Portal de periódicos da CAPES, os artigos publicados nos últimos cinco anos (2015-2020), a partir do uso dos descritores “tecnologias” e “violências de gênero”, que de alguma maneira, apontam para a utilização de tecnologias digitais, pontualmente redes sociais ou aplicativos móveis, na prevenção, denúncia e/ou segurança de mulheres, vítimas de violências de gênero. Na sequência, apresentamos a metodologia utilizada para a revisão.

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Feminicídio; Meios Digitais.

Keywords: Artificial Intelligence; Feminicide; Digital Media.



Evento: Debates sobre Inteligência Artificial (d.I.A.)

METODOLOGIA

A realização de uma revisão bibliográfica narrativa possibilita a construção e a discussão de uma determinada temática (Rother, 2007). É um estudo de cunho qualitativo, com o desenvolvimento de uma análise e avaliação variável, com eixos norteadores e explicativos organizados pelos próprios autores com base nos seus questionamentos (Rother, 2007). Assim, nossa intenção é apontar na literatura científica, as produções existentes nessa área, e quais são suas principais discussões.

A produção dos dados ocorreu no Portal de Periódicos CAPES em uma busca por assunto avançada realizada no dia 10/10/2020. Os termos usados foram: tecnologias e “violências de gênero”; o operador booleano “AND” foi utilizado para combinação dos termos. A escolha pelo termo “tecnologias” se deu pela concordância de que esse termo é mais abrangente, e a utilização de aspas, no termo “violências de gênero” destaca a utilização do termo composto como conceito dentro de um artigo. Para fins de seleção, foram criados os seguintes critérios de inclusão: a) ser artigo revisado por pares; b) tratar sobre as violências de gênero contra as mulheres; c) a tecnologia utilizada no artigo deve ser acerca das redes sociais, sites e/ou aplicativos móveis.

O refinamento para a busca foram artigos publicados nos últimos cinco anos. A busca resultou em 14 artigos, 13 destes revisados por pares. Foram realizadas leituras dos títulos e resumos dos 13 artigos encontrados. Dos 13 trabalhos, dois deles se encaixaram nos critérios de inclusão: 1) Mercantilización del territorio y reconfiguración de las violencias contra las mujeres: el caso de las lideresas en los movimientos ecologistas contra el monocultivo de la piña en Costa Rica de Kamly Camacho (2019); 2) ARGE LABIA PROJECT – POR UMA ABORDAGEM NÃO-SEXUAL DA VAGINA: um estudo sobre enunciados e estratégias de resistência na Internet de Marcelle Jacinto da Silva e Antonio Cristian Saraiva Paiva (2017).

Após a leitura na íntegra dos dois trabalhos, apresentamos a seguir uma discussão acerca dos resultados.

VIOLÊNCIAS DE GÊNERO E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: OS MEIOS DIGITAIS COMO FERRAMENTAS DE RESISTÊNCIA PARA AS MULHERES

A inteligência artificial (IA) é um campo relativamente novo das ciências, sendo de acordo com Luger (2013), difícil definir ao certo suas principais características. Segundo o autor, a IA “[...] pode ser definida como o ramo da ciência da computação que se ocupa da automação do comportamento inteligente” (LUGER, 2013, p. 1), porém, como o próprio autor destaca, a forma como se dá essa automação pode variar bastante, fazendo desta, uma área de muitas camadas, o que possibilita diversas aplicabilidades. Luger (2013) ainda assevera que existem questões sociais e políticas que buscam encontrar na IA soluções para problemas emergentes da população.

Nessa perspectiva, hoje no Brasil e no mundo, os altos índices de violência de gênero contra as mulheres, apontam para um desses problemas que carecem de atenção. Segundo o relatório da ONU, 17,8% (uma em cada cinco) das mulheres do planeta, entre 15 e 49 anos, sofreram algum tipo de



Evento: Debates sobre Inteligência Artificial (d.I.A.)

violência entre 2018 e 2019. No Brasil, segundo dados do G1, nos primeiros seis meses de 2020, foram registrados 119.546 casos de lesão corporal doméstica contra as mulheres, havendo, ainda, 1.890 casos de homicídios dolosos de mulheres, dentre os quais, 631 foram feminicídios.

Os dados apresentados nos ajudam a visualizar a dimensão das violências de gênero no Brasil e no mundo, mas não nos permite compreender quais são os fatores que geram e/ou contribuem para essas violências. Para Butler (2019, p. 35), “condenar a violência e questionar como ela se originou são certamente duas questões distintas, que precisam ser analisadas em conjunto, justapostas, e reconciliadas dentro de uma análise mais ampla”. Desse modo, a autora nos convida a ir além dos índices e estatísticas, buscando entender as condições de vulnerabilidade em que certos sujeitos se encontram em relação às violências.

Um dos fatores que leva a violência para Butler (2013), estaria relacionado ao não reconhecimento do outro. É importante ressaltar que esse “não reconhecimento” não surge simplesmente do nada, ele é parcialmente originário de um “condicionamento” social, político, cultural. Assim, Butler (2013), nos convida a pensar sobre quanto vale cada vida e porque algumas vidas valem mais do que outras. Dessa forma, entendemos aqui, que as redes sociais e a internet têm se mostrado um terreno fértil para a produção de visibilidades para sujeitos até então esquecidos.

A IA e suas ferramentas tecnológicas tem possibilitado articular questões em diferentes esferas, seja no que tange o reconhecimento do outro, seja ao fornecer informação acerca dessa temática, ou ainda ao oferecer uma comunicação mais direta a meios de ajuda e a redes de apoio. Nesse sentido, destacamos que os dois artigos encontrados nessa revisão demonstram que a internet e as redes sociais (principalmente) atuam como ferramentas comunicacionais para o enfrentamento de diversas pautas e na formação de ativismos digitais por mulheres.

O primeiro artigo, aponta para as mulheres rurais líderes de movimentos ambientais contra o agronegócio da monocultura de abacaxis em territórios da Costa Rica. Para Camacho (2019) essas mulheres sofrem uma dupla violência, primeiro por serem líderes comunitárias contra o desenfreio agronegócio, e segundo por serem mulheres. Em sua análise, a autora aponta que há uma “nova forma de violência” que se dá pelas redes: as mulheres líderes recebem ameaças de cunho pessoal, ameaças de gênero e laborais. Camacho (2019), por fim, constata que há uma transformação e ampliação das violências vividas fora da rede, para dentro da rede; as mulheres rurais ambientalistas sofrem níveis de violências diferentes de outros grupos, como por exemplo, jornalistas.

Há, para Camacho (2019) uma certa vulnerabilidade nestas mulheres que as fazem sofrer diferentes violências nos meios digitais (fake news, infiltrações, comentários, listas de morte), mas ao mesmo tempo, as redes digitais ampliam a visualização de seus trabalhos e lutas, sendo importante compreender as violências sofridas por cada grupo específico de mulheres. A autora cria uma sensibilização sobre os territórios, defendidos por estas mulheres: o território rural-ambiental e seus corpos como territórios. Essa territorialização permite compreender que a luta contra as violências sofridas é também uma luta corporal-social, é um corpo político que resiste em meio a um conjunto de disputas de poder.

O segundo artigo trata de uma análise de um site que representa um projeto (LLP - Large labia project) e apresenta uma discussão sobre as violências que os corpos das mulheres sofrem para se adequarem a um padrão estético. A temática percorre pontualmente a vagina das mulheres e como



Evento: Debates sobre Inteligência Artificial (d.I.A.)

há hoje, uma pressão para ter uma “vagina com lábios pequenos e medições perfeitas”. Silva e Paiva (2017) destacam que o projeto analisado opera na lógica do corpo-positivo, da auto aceitação e de uma conscientização de que cada mulher tem seu próprio corpo, e que é natural ser diferente.

Numa rede de identificação criada pelas diversas mulheres que mandaram suas fotos e seus depoimentos, há uma formação de diferentes referências sobre os corpos de mulheres e suas múltiplas possibilidades. São forjadas resistências coletivas e individuais, tendo os corpos como fio condutores, não apenas como lugares de opressão, mas como um centro de resistência, numa construção biopolítica. Assim, o projeto potencializa e articula uma ressignificação de mulheres reais e seus corpos, que sofrem uma subalternização e uma violência contínua, na qual a regulação de seus corpos pela mídia de massa, constituem o fortalecimento de um padrão irreal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência sofrida pelas mulheres se manifesta de diversas formas, e consequentemente, as reivindicações do movimento feminista podem abordar diferentes pautas, em diversos locais. O ambiente virtual se tornou um local muito democrático e útil para a expansão de movimentos sociais. Porém, com a popularização de redes sociais, as problemáticas de violência, discurso de ódio e cyberbullying acompanharam essa migração, e acabaram se consolidando nas redes.

Os movimentos sociais, principalmente os que lutam por pautas de gênero, têm utilizado das mídias sociais para se fortalecerem e resistirem à violência impregnada no meio virtual através de informação, conscientização e acolhimento. Nesse sentido, as IA têm se mostrado como uma possibilidade no enfrentamento das violências de gênero, ao possibilitar a criação e implementação de aplicativos informativos, facilitar mapeamentos e compartilhamento de dados acerca das violências, diversificando e ampliando as redes de apoio e comunicação entre mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. Vida Precária: Os Poderes do Luto e da Violência. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

CAMACHO, K. Mercantilización del territorio y reconfiguración de las violencias contra las mujeres: el caso de las lideresas en los movimientos ecologistas contra el monocultivo de la piña en Costa Rica. SOCIOLOGÍA Y TECNOCENCIA, 9, 1, 2019: 86-106.

COVALESKI, R. (2010). Publicidade híbrida. Curitiba: Maxi Editora.

DALL'IGNA, S. M. Recursos tecnológicos para proteção às mulheres vítimas de violência. 144 p. 2017. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Informação e Comunicação. Santa Catarina: Araranguá, 2017.

G1. Assassinatos de mulheres sobem no 1º semestre no Brasil, mas agressões e estupros caem;



Evento: Debates sobre Inteligência Artificial (d.I.A.)

especialistas apontam subnotificação durante pandemia. Disponível em: < <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/09/16/assassinatos-de-mulheres-sobem-no-1o-semester-no-brasil-mas-agressoes-e-estupros-caem-especialistas-apontam-subnotificacao-durante-pandemia.ghtml>>. Acesso em: 11 de out. de 2020.

G1. Relatório da ONU indica que violência de Gênero atinge 1 de cada 5 mulheres. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/11/25/relatorio-da-onu-indica-que-violencia-de-genero-atinge-1-de-cada-5-mulheres.ghtml>>. Acesso em: 11 de out. de 2020.

LUGER, George. Inteligência Artificial. 6ª ed. São Paulo: Person Education do Brasil. 2013, p. 1 - 27.

ROTHER, E. T. (2007). Revisão sistemática X revisão narrativa. Acta paulista de enfermagem, 20(2), v-vi.

SILVA, M. J.; PAIVA, C. S. ARGE LABIA PROJECT – POR UMA ABORDAGEM NÃO-SEXUAL DA VAGINA: um estudo sobre enunciados e estratégias de resistência na Internet. Revista de Ciências Sociais, nº 47, Junho/Dezembro de 2017, p. 139-152.